

Mães são as que mais elogiam

CAMPOS ALTOS (MG) — Trocar os pés de café pelos livros e cadernos significou uma mudança na vida das crianças de Campos Altos. Na lavoura, elas enfrentavam chuva, sol forte, perigo de acidente e uma marmitta fria com arroz, feijão e farinha. Na escola, elas aprendem a ler e a escrever, têm atividades artísticas, educação física, aulas de reforço e alimentação variada três vezes por dia, em que não faltam carne, macarrão e leite.

— Isso aqui é uma felicidade — resume a trabalhadora rural Maria Lúcia Costa, de 30 anos.

Com sete filhos — o mais velho com 8 anos — Maria Lúcia Costa é o exemplo perfeito da mãe que levava os filhos para a colheita porque não tinha com quem deixá-los. Hoje, ela acorda cedo, deixa os meninos na Escola Municipal Amélia Franco e vai trabalhar tranqüila. Volta no fim da tarde para buscá-los, todos de barriga cheia e “mais inteligentes”, como ela mesmo ressalta.

Lúcia Maria Saturnino, de 44 anos, embora só tenha uma filha, Tatiana,

de 7 anos, também enfrentava o mesmo problema de não ter onde deixar a menina. Certa vez, pensou em contratar alguém para cuidar de Tatiana durante o dia, mas com o salário que recebe, R\$ 2,00 por dia, teve que desistir da idéia. Para a menina, que está na primeira série, ficar na escola é bem melhor que acompanhar a mãe na colheita.

Outra mãe que levanta as mãos para o céu para agradecer o fato de sua filha estar estudando é Marly Vicentina da Silva, de 28 anos. Antes, ela levava Viviane, de 10 anos, para a colheita do café e dividia o seu tempo entre o trabalho e a preocupação em saber se a filha estava por perto. Agora, vai de manhã para a lavoura e só volta no fim da tarde, feliz, porque Tatiana, no segundo ano primário, está tendo bom rendimento na escola.

— Temos ainda muitos problemas, mas pelo menos as crianças daqui recebem educação, comida e carinho — afirmou a diretora da escola, Maria Isabel da Silva Tomé, diretora da Escola Amélia Franco.